EXPRESSO 5/10/74

Das lições da Assembleia Geral da AICA

Pedro Vieira de Almeida

A RECENTE realização da 26.ª Assembleia-Geral da AICA na República Democrática Alemã, de cujos variados aspectos e consequências se virá certamente a falar ainda, permitiu estabelecer um contacto concreto com uma realidade artística específica, contacto tornado mais significativo pelo facto de o tema escolhido para esta Assembleia ser o da função da arte nos movimentos socialistas contemporâneos, tema e problemática fulcral para uma aproximação e entendimento globais de diversas culturas, com radicação diversa, ou diverso enquadramento ideológico.

Em termos de artes plásticas encontra-se hoje na RDA uma franca dominância, quasi exclusiva, do realismo socialista, com alguma sublimada reminiscência surrealizante e muita informação e estrutura, de base expressionista.

No plano arquitectónico e urbanístico é visível o esforço de abordagem de um tratamento racionalizador e racionalista, quer num plano quer noutro, talvez mesmo uma certa rigidez no desenvolvimento de ambos.

No entanto a apreciação crítica tomada em conjunto da actividade artística na RDA não é fácil; pelo contrário, posso dizer que a impressão que colhi foi a da necessidade já não digo de radical revisão de posições mas do reconhecimento da falibilidade dos nossos critérios críticos, e dos limites geográfico-culturais de atguns conceitos que utilizamos com a confiança de quem não duvida por um momento que seja, da sua validade permanente e universal.

De facto creio que não é possível analisar esteticamente o realismo socialista, nem a arquitectura nem o urbanismo nem os esforços de integração plástica desenvolvidos na RDA, sem ter simultaneamente sentido o clima particular em que estas afirmações culturais se desenvolvem, sem ter percebido que na relação arte-sociedade que se propõe nos países socialistas, alguns dos nossos conceitos perdem força e começam a carecer de sentido.

Para os olhos de alguns sofisticados críticos presentes, a visita aos museus e galerias de arte moderna apenas deixou a impressão global de uma manifesta e geral situação de «Kitsch» e por preguiça mental se recusaram ir mais adiante. Quanto a mim recusaram afinal pura e simplesmente enfrentar e perceber; a problemática que a criação de novas relações sociais vêm propor à criação artística e lógo também, necessariamente, à criação crítica.

O «Kitsch» define-se teoricamente numa particular relação de consumo artístico, o que ali se tornava impossível aplicar pacificamente, sem que se tomassem maiores cuidados críticos, dado que numa sociedade socialista aquelas relações de consumo se alteram de maneira radical.

Não nego que haja uma dimensão Kitsch em algum do realismo socialista que me foi dado ver, mas essa constatação implicaria talvez tentar perceber melhor em termos de uma sociologia de arte, como é que o Kitsch se articula numa sociedade socialista, e ainda se o conceito de Kitsch neste caso não terá afinal de ser redifinido. Particularmente, até estou convencido da necessidade de o fazer e apostaria numa definição conjunta e interconexa Kitsch-Dada como polos de intervenções opostas. Este ponto no entanto levaria para outros campos de discussão e não me vou alongar nessa via.

Para além daquelas dúvidas, que me parecia pertinente abordar desde logo, teria sido necessário fazer a tentativa de separar das obras vistas, as melhores, certamente rejeitando outras, estabelecendo uma hierarquia interna própria. Realizar enfim um verdadeiro trabalho crítico, e realizá-lo com aquela mesma agudeza e capacidade analítica de que os críticos em geral se fazem gala na elaboração do seu trabalho.

Evidentemente que surgem ou parecem surgir na RDA vários casos em que o esquema neo-realista não serve a criação plástica enquanto quadro de referência, mas já enquanto muleta e alibi, para uma pintura de má qualidade, má qualidade que de outra forma seria mais claramente detectada. E não só pintura claro. Mas mais uma razão para envolver criticamente estes casos e estabelecer os seus limites respectivos, entendendo o particular e o geral.

Na comunicação feita à Assembleia pelo presidente da AICA da RDA, focavam-se alguns pontos que diziam particularmente respeito à integração das artes plásticas.

Ao esquema de enquadramento aí aceite era relativamente fácil opor a nossa comum consciência e conhecimento dos problemas envolvidos. Genericamente o relatório assumia que:

1) a arquitectura e o urbanismo seriam desumanos e pobres;

2) a função da obra de arte seria a de humanizar e enriquecer os meios ambientes criados por essa arquitectura e por esse urbanismo.

Para além do aspecto aditivo desta relação, logo várias perguntas aqui se podiam levantar.

a) Se se pensa que a arquitectura não é por condição própria desumana e pobre, isto é, se se admite que ela pode vir a reaprender a sua riqueza e humanismo particulares, apenas momentaneamente perdidos, qual será o futuro da integração das artes se essa integração for pensada apenas como esquema supletivo?

Neste caso não se imporia de imediato fazer os esforços necessários para desvendar os caminhos de uma arquitectura e de um urbanismo pujantes? Quais as tentativas feitas para resolver teórica e praticamente o problema?

b) Se se pensa que a arquitectura é desumana por condição, não se levantam logo problemas teóricos e críticos que pediriam outros tantos e urgentes esforços, tendendo ao seu enquadramento rigoroso? Que se fez ou faz nesse sentido?

c) Será de qualquer maneira possível «decretar» a pobreza e desumanidade de um sistema de signos, de uma linguagem, sem que esse decretar corresponda de facto a um juízo estruturado muito rigoroso e exigente?

Ao ouvir à exposição do representante do RDA essas dúvidas assaltaram-me muito naturalmente, e aí julguei perceber que o maior interesse da reunião, residia não em ser uma tentativa de encontrar soluções para os problemas, mas precisamente numa tentativa de problematização dos assuntos de ordem cultural, que são encarados nos vários países da Europa de maneira diversa, conforme a sua situação ideológica e o seu grau de desenvolvimento.

De alguma maneira parece faltar hoje na RDA uma mais imaginativa elaboração aos níveis teórico e crítico, que contribua e acompanhe com apoio ágil, as conquistas realizadas no plano político-social.

O esforço a fazer assim na RDA orientava-se ou devia-se orientar, da nossa parte, para um atento e aberto esforço crítico de enquadramento geral, recusando quer uma passiva aceitação de quanto se viu e ouviu, quer uma não menos passiva e cega, recusa do valor do trabalho realizado.

K. Matthai — Solidariedade com o Chile

E com esse empenho crítico com essa abertura e com essa atenção, poderíamos de facto aprender imenso, dado que aí se confirmava e confirma ao que suponho, o não ser possível pensar exclusivamente de cima para baixo, acreditando que da ideologia se deduz por progressivas particularizações sectoriais quais as intervenções mais adequadas em cada momento e em cada actividade, mas que pelo contrário justamente se impõe, e a nós agora se nos impõe ainda mais, fazer todo um trabalho prático e teórico (de certo árduo mas o único valendo a pena) de um definir a partir das bases, em que sentido é que somos coerentes com as nossas ideologias particulares, na nossa estruturação teórica e crítica e na nossa prática profissional quotidiana. Essa é afinal a nossa responsabilidade para que entre nós a ideologia não venha mesmo a ser nem muleta nem alibi.